



## **DESAPRENDER, REAPRENDER... POSSIBILIDADE OU NECESSIDADE?**

*“Se as pessoas não tiverem vínculos profundos com sua memória ancestral, com as referências que dão sustentação a uma identidade, vão ficar loucas neste mundo maluco que compartilhamos”.*

**Ailton Krenak**

Priscila Gabriel Gonçalves e Sá

[priggsa@gmail.com](mailto:priggsa@gmail.com)

### **RESUMO**

O presente artigo analisa questões atuais que envolvem uma perspectiva de estudo decolonial e a importância de sua discussão para mudança de pensamento em docentes e discentes, através de uma didática intercultural, buscando a melhoria do como lidar com a diferença nas salas de aula do país. Busco pensar sobre currículos, culturas e cotidiano escolar como um todo, para rever o que não está sendo trabalhado de maneira adequada não só atualmente, mas desde os primórdios da educação colonial imposta que tivemos. Em tempos de pandemia, de incertezas e de muitos medos, proponho ao leitor uma reflexão crítica acerca de quebra de paradigmas, buscando formas de melhorar os sistemas educacionais, para que funcionem como meio de transformação positiva para a sociedade, compreendendo com clareza a formação do povo brasileiro e o ensino nas escolas brasileiras. Nesse contexto, aponto a necessidade de mudança significativa de conceitos engessados, pensando em um mundo pós Covid 19, para que a partir de então, as diferenças não fiquem ainda mais acentuadas, focando na ideia de naturalização das mesmas. No mundo pós pandêmico, como a escola poderá resgatar valores e empoderar as diferentes culturas presentes aqui: pensamentos que deverão estar vivos e sendo vivenciados intensamente nesta nova realidade que nos foi apresentada através de um vírus invisível.

**Palavras-chave:** Mudança. Aprendizado. Ressignificação de passado.



## 1. INTRODUÇÃO

### SEISCENTOS E SESSENTA E SEIS

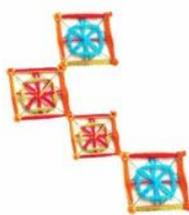
*A vida é 'uns deveres' que nós trouxemos para fazer em casa.  
Quando se vê, já são 6 horas: há tempo...  
Quando se vê, já é 6ª-feira...  
Quando se vê, passaram 60 anos!  
Agora, é tarde demais para ser reprovado...  
E se me dessem – um dia – uma outra oportunidade,  
eu nem olhava o relógio  
seguia sempre em frente...  
E iria jogando pelo caminho a casca dourada e inútil das horas.*  
**Mário Quintana**

Até quando? Estamos hoje em 2020. Ano de transformação. Ano de incertezas. Ano de indagações em diferentes campos. É tempo de ressignificar. Ressignificar aquilo que há muito tempo foi perdido ou simplesmente não nos foi nem apresentado de maneira justa.

Desde a colonização brasileira, feita de maneira muitas vezes cruel, vivemos num mundo, no mínimo, estranho. Chegam os portugueses e, mesmo estando em menor número, são os detentores do poder e sobressaem-se aos indígenas que aqui já estavam. Soma-se a isso a vinda de africanos para serem escravizados. E forma-se o povo brasileiro, desde então já repleto de desigualdades.

Assim, continuamos nossa construção identitária. Vivemos uma interculturalidade riquíssima aqui. Mas sabemos o que ela significa em sua totalidade? Conseguimos entender e valorizar? Até quando ficaremos vivendo sem perceber nossa ancestralidade? Sim! Todos nós temos indígenas e africanos em nossas ancestralidades! E como podemos (e devemos!) aprender com isso!

É tempo de pandemia, mas também é tempo de ajuste. “É terrível o que está acontecendo, mas a sociedade precisa entender que não somos o sal da terra. Temos que abandonar o antropocentrismo... não fazemos falta na biodiversidade”. (KRENAK, 2020). Ensinamento indígena! Krenak diz ainda que, a humanidade está doente. Há muito tempo já



sabemos bem que precisamos ser parte do todo e não sermos contraditórios como muitos são. A natureza nos exige cuidado. Somos os grandes responsáveis pelos problemas cotidianos. E temos muito o que aprender com as culturas que normalmente descartamos e vemos como “diferente”.

E essa mudança é possível? Como?

## **2. O invisível afetando a humanidade**

A humanidade é fraca. A humanidade é falha. A humanidade não é o centro do mundo. Foi preciso um vírus invisível para percebermos o quão frágeis somos ou podemos ser. Neste momento a natureza está mais colorida, mais viva! E os homens... morrendo. “Agora esse organismo, o vírus, parece ter se cansado da gente, parece querer se divorciar da gente como a humanidade quis se divorciar da natureza”. (KRENAK, 2020) Se nos contássemos que estaríamos passando por isso hoje, diríamos ser mentira por, simplesmente ser difícil de acreditar! Mas a questão é que estamos vivendo isso. E o que fazer? Dá para refletirmos e melhorarmos alguma coisa?

O que estamos vivendo pode ser a obra de uma mãe amorosa que decidiu fazer o filho calar a boca pelo menos por um instante. Não porque não goste dele, mas por querer lhe ensinar alguma coisa. “Filho, silêncio.” A Terra está falando isso para a humanidade. E ela é tão maravilhosa que não dá uma ordem. Ela simplesmente está pedindo: “Silêncio”. Esse é também o significado de recolhimento. (KRENAK, 2020).

E assim começo nossa reflexão. De repente somos obrigados a nos recolher. Ficamos ‘presos’, estamos em ‘suspensão’. As escolas fecham. Não é mais possível o ‘ir e vir’ livre nas ruas e avenidas mundo afora. A tecnologia invade nossa vida mais do que nunca. Se já éramos dependentes dela... ficamos agora ainda mais. Será coincidência a palavra ‘usuário’ ser usada somente para internet e drogas? Provavelmente não. Porém, neste momento, não podemos fugir disso. Muito pelo contrário: para nossa vida seguir um dito “novo normal” estaremos numa dependência cibernética maior ainda.

Outro ponto importante e que vamos analisar relacionando a questões bem antigas da formação social, diz respeito à diferenciação entre grupos sociais específicos. “Qualquer quarentena é sempre discriminatória, mais difícil para uns grupos sociais do que para outros e impossível para um vasto grupo de cuidadores, cuja missão é tornar possível a quarentena ao conjunto da população”. (SANTOS, 2020). Pensemos aqui em mulheres, trabalhadores



informais, trabalhadores de rua, população de rua, moradores de periferias, deficientes e tantos outros que no dia a dia já vivem uma realidade de exclusão. Todos estão passando por isto da mesma maneira? Obviamente não.

Pensemos agora a respeito da instituição escolar. Passamos a trabalhar em um modelo híbrido de ensino. Não porque estamos vivendo o futuro da educação do país, mas porque nos chegou de maneira impositiva e nem ao menos pudemos nos preparar para isso. Há diferenciação entre escolas públicas e particulares, por exemplo? Vivo esta realidade no momento. Na escola particular em que trabalho, tivemos que capacitar a equipe em um final de semana a fim de que pudéssemos estar “na casa dos alunos” na semana seguinte. A grande maioria tem acesso à Internet e, mesmo quando há problemas na conexão, rapidamente eles são resolvidos pela família. Já na escola pública, o acesso é limitado. A grande maioria dos alunos não consegue acesso. A aula on-line, virtual, ao vivo, torna-se um sonho e é realidade para poucos. Pronto, chegamos novamente a um mundo de exclusão social. A quarentena veio para intensificar essa parte.

Daí, diante do exposto, pensemos: é necessário repensarmos essa questão social e não entrarmos no conformismo de que ‘a vida é injusta e nada podemos fazer para mudar’. Para que seja feita alguma coisa, precisamos falar na base, no que nos é e sempre foi ensinado e o que fazer para conseguir mudar o andamento do acesso à qualidade de vida da população sem discriminação de minorias. Escola, local de transformação e construção de significação e pertencimento. É lá que nasce a representatividade e o fortalecimento de quem somos. Só que para que isso aconteça verdadeiramente faz-se necessária uma grande mudança no âmbito educacional de formação.

As pesquisas no campo da Didática, por exemplo, já apontam para falhas nesse processo:

“demonstram temáticas completamente esquecidas, como ensino em tempos pós-modernos, sala de aula da contemporaneidade, desenvolvimento de práticas escolares para atendimento à diversidade de raça, de gênero, de formas variadas de aprender”. (MARCONDES e LEITE, 2011).

Precisamos colocar em pauta esse estudo, essas questões de desigualdade, assim prevendo possibilidades de construção de uma Didática intercultural que seja capaz de lidar com a diferença.



### **3. Currículo, cultura e cotidiano escolar**

“Embora classicamente vinculada ao campo da antropologia... a cultura também está intrinsecamente ligada à educação e ao currículo” (MACEDO e LOPES, 2011).

O currículo é intercultural. Ele representa território de poder, de encontros. A escola sempre teve um papel importantíssimo, pois é nela que constroem-se as relações de poder. Nela é possível fazer um bom trabalho de Letramento Inter-racial por exemplo. Nossas crianças chegam sem conhecimento da sua ancestralidade. É preciso entender que há uma séria necessidade de repensar o currículo, que não pode mais ser eurocentrado. Desde a chegada dos indígenas e africanos ao Brasil, diferentes culturas se encontram. Algumas práticas de nossos ancestrais foram ressignificadas em território brasileiro.

A cultura escolar dominante em nossas instituições educativas, construída fundamentalmente a partir da matriz político-social e epistemológica da modernidade, prioriza o comum, o uniforme, o homogêneo, considerados como elementos constitutivos do universal. Nesta ótica, as diferenças são ignoradas ou consideradas um “problema” a resolver. (CANDAU, 2011, p. 241)

Faz-se necessária uma grande mudança nessa concepção de educação que Candau coloca. É preciso valorizar o diferente, o incomum, o heterogêneo e aproveitar a riqueza diante de nós todos em sala de aula. Transformar a realidade de diversidade conhecida em vantagem pedagógica, esse é o desafio das escolas na atualidade para construção do futuro mais pertencedor de diferenças. Agindo assim, enquanto professores, estaremos ensinando nossos alunos a terem orgulho de quem são e de suas raízes, construindo assim sua representatividade.

Outro desafio está associado à busca de como trabalhar de modo mais efetivo a articulação entre as questões relativas às diferenças culturais e os chamados temas próprios da didática – planejamento, seleção de conteúdos, técnicas de ensino, avaliação etc. (...) uma questão especialmente



desafiadora o relativismo cultural em suas relações com os conhecimentos e valores que a escola deve trabalhar e a tensão entre diferenças culturais e desigualdades sociais e, conseqüentemente, as buscas orientadas a promover processos de articulação entre igualdade e desigualdade e não de considerá-los como pólos contrapostos. (CANDAUI, 2011, p. 249)

A questão problematizadora que proponho a pensarmos é: na atual organização educacional brasileira há espaço verdadeiro e real para gerar mudança capaz de atingir os níveis mais excluídos de nossa sociedade, promovendo assim a verdadeira inclusão e transformação social?

Falar em Didática Intercultural é falar em buscar, em entender o contexto social histórico para construir um futuro, no mínimo, mais promissor do que o que temos agora. Assim, faz-se necessário, inclusive, trabalhar a questão da formação de professores, não só formação inicial como também continuada. O desafio mostra-se bem claro no âmbito desse pensamento. Currículo, cultura, cotidiano escolar são complementares e devem ter objetivos claros para com a sociedade.

A cultura de caráter universal é posta em questão por sociedades que se mostram, a cada dia, mais multiculturais. Esse panorama complica ainda mais a disputa em torno do que ensinar e de como representar as diferentes culturas no currículo. Na medida em que se trata de uma arena de conflito social, propostas para lidar com o caráter multicultural da escola (e da sociedade), com o objetivo de controle social, surgem no horizonte de muitas políticas públicas. Há propostas liberais que buscam criar soluções para os problemas sociais gerados pela visibilidade de grupos anteriormente excluídos. No âmbito das teorias críticas, hegemônicas nos estudos curriculares, não é menor a preocupação de responder ao caráter multicultural da sociedade com uma educação capaz de incluir as diferentes culturas. Apostas em diálogo, interação, negociação, consenso conflituoso entre as diversas culturas ampliam a discussão para além do controle da diversidade. (MACEDO e LOPES, 2011)

A sociedade contemporânea rejeita as posturas conservadoras, assim, o foco é que a diferença seja naturalizada. Para esse processo, que é uma construção demorada e cotidiana, o projeto educacional deve ter como objetivo a igualdade. Não somos seres humanos iguais fisicamente, nem em características físicas, muito menos em características socioemocionais.



E isso é riquíssimo. A estrutura escolar tem todo o poder e até a obrigação de desenvolver esse tema, pautando as diferenças como naturais e necessárias.

#### **4. A propósito de uma conclusão**

Há muitas coisas envolvidas quando falamos em cultura, educação, mudança e transformação. É possível a didática intercultural chegar com força às escolas de todo o país e fazer o processo de “desaprender para reaprender” tudo aquilo que já está há tanto tempo engessado em mentes de professores, alunos e livros didáticos? É possível aproveitarmos o tempo e darmos vez e voz àqueles que sempre foram colocados de lado por nossa sociedade?

A educação como prática da liberdade, proposta por bell hooks, é um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender. É preciso refletir sobre o mundo a fim de modificá-lo. É necessário um enfoque maior na área da formação de professores, não só inicial, mas também continuada. Muitas vezes nós ensinamos aquilo que nos foi ensinado e acabamos reproduzindo, mais uma vez, a história equivocada do nosso país. “Os professores devem ter o compromisso ativo com um processo de autoatualização que promova seu próprio bem-estar. Só assim poderão ensinar de modo a fortalecer e capacitar os alunos” (HOOKS, 2013, p. 28).

É preciso rever nosso processo de colonização e conhecer a história verdadeira, ou as diferentes visões de uma mesma história, para poder ensiná-la e, assim, mudar o entendimento das futuras gerações. Precisamos de uma educação que cure o erro e reconstrua o que precisa ser reconstruído. Dar voz a quem merece ser ouvido, ouvir diferentes versões de uma mesma história. Construir lugares de fala. Assim, os alunos terão um conhecimento significativo e poderão assumir a responsabilidade por suas escolhas.

Aproveitemos o mundo pós pandêmico para construirmos algo melhor. Foi-nos dado a oportunidade de pensar. Então, pensemos! E mudemos! Mesmo diante de tanta desigualdade acentuada neste período, resta-nos acreditar.



É possível a construção de uma sociedade mais igualitária? Será que já estamos no caminho certo? É longa a caminhada mas... ela pode vir a dar certo? São indagações que deixo aos leitores, para que compartilhem também de minhas dúvidas.

## 5. Referências Bibliográficas

CANDAU, V. M. Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas. **Currículo sem Fronteiras**, Rio de Janeiro, v.11, n. 2, p. 240-255, 2011.

HOOKS, B. Pedagogia Engajada. In: HOOKS, B. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2013. p. 25-36.

KRENAK, A. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, E. D. O indígena como usuário da lei: um estudo etnográfico de como o movimento da literatura indígena entende e usa a Lei no 11.645/2008. **Caderno Cedes**, Campinas, v. 39, n. 109, p. 321-356, 2019.

MACEDO, E; LOPES, A. C. Cultura. In: MACEDO, E; LOPES, A. C. **Teorias de Currículo**. Rio de Janeiro: Eduerj: 2011. p. 87-102.

MARCONDES, M. I. M.; LEITE, M. S.; LEITE, V. F. A pesquisa contemporânea em didática: contribuições para a prática pedagógica. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 27, n. 3, p.305-334, 2011.

SOUZA SANTOS. B. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020.